

JANNE TELLER

NADA

TRADUZIDO DO DINAMARQUÊS POR
ANA DINIZ



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Nada tem significado.
Sei isso há muito tempo.
Portanto, não vale a pena fazer nada.
Também já cheguei a essa conclusão.

Pierre Anthon saiu da escola no dia em que chegou à conclusão de que não valia a pena fazer nada, porque de qualquer forma nada tinha significado.

Nós, os outros, ficámos.

E se bem que os professores se tenham esforçado bastante para suprimir todos os vestígios de Pierre Anthon, não só na sala de aulas como também nas nossas cabeças, um pouco dele sobreviveu em nós. Talvez porque as coisas foram como foram.

Estávamos na segunda semana de agosto. Um sol intenso e pesado tornava-nos indolentes e irritados, o asfalto colava-se às solas dos sapatos e as maçãs e as peras tinham atingido aquele ponto em que se agarravam perfeitamente na mão para serem lançadas. Não olhávamos para a direita nem para a esquerda. Primeiro dia de escola depois das férias de verão. A sala de aulas cheirava a detergente e a espaço há muito vazio, as vidraças devolviam-nos uma imagem de espelho cortantemente precisa e o quadro não tinha um grão de pó de giz. As mesas alinhavam-se duas a duas, em filas tão iguais como os corredores de um hospital e como só acontecia neste dia do ano. Sala do 7A.

Ocupámos os nossos lugares sem nos darmos ao trabalho de dispor as mesas de uma forma mais familiar.

Cada coisa a seu tempo. Hoje é que não.

O professor Eskildsen deu-nos as boas-vindas com a mesma graça que dizia todos os anos.

— Alegrai-vos pelo dia de hoje — disse ele. — Não haveria uma coisa chamada férias se não houvesse uma coisa chamada aulas.

Rimos. Não porque tivesse graça, mas porque ele tinha graça a dizê-lo.

Foi então que Pierre Anthon se levantou.

— Nada tem significado — disse ele. — Sei isso há muito tempo. Portanto, não vale a pena fazer nada. Também já cheguei a essa conclusão.

Calmamente, baixou-se e arrumou novamente as coisas que acabara de tirar da mala. Com uma expressão de indiferença, fez um breve aceno de despedida e abandonou a sala sem fechar a porta atrás de si.

A porta sorriu. Foi a primeira vez que a vi sorrir. Pierre Anthon tinha deixado a porta entreaberta, como um abismo de escárnio que me sugaria com ele caso me deixasse tentar a segui-lo. A quem era dirigido aquele sorriso? A mim, a todos nós. Olhei em volta, e o silêncio desconfortável revelou-me que os outros também se tinham apercebido.

Íamos ser algo na vida.

Ser algo na vida era ser alguém, e isto não era coisa que se dissesse em voz alta. Também não se dizia em voz baixa. Era uma coisa que pairava no ar, ou no tempo, ou sobre o gradeamento da escola ou nas nossas almofadas, ou nos peluches que, terminada a sua utilidade, eram relegados para o sótão ou a cave, onde ficavam a juntar pó. Eu não sabia.

A porta entreaberta de Pierre Anthon revelava-me isso. Ainda não o sabia com a mente, mas já sabia.

Subitamente, tive medo. Medo de Pierre Anthon.

Medo, mais medo, muitíssimo medo.

Morávamos num subúrbio de Tæring, uma cidade de província de dimensão média. Não era uma zona chique, mas quase — facto que nos era frequentemente recordado, ainda que não fosse dito em voz alta. Nem em voz baixa. Casinhas simpáticas pintadas de amarelo, moradias isoladas em tons de vermelho com jardim a toda a volta, outras mais recentes em fileira, castanho-cinza e com jardim à frente, e os blocos de apartamentos onde viviam aqueles com quem não brincávamos. Havia também casas de construção mista, de alvenaria e madeira, quintas onde já não havia atividades agrícolas, loteadas para construção, e outras moradias, mais amplas, onde viviam os que eram mais quase-finos do que nós.

A escola de Tæring ficava num cruzamento. Todos nós, menos Elise, morávamos nas proximidades de uma dessas duas ruas, a Tæringvej. Elise seguia muitas vezes um desvio para fazer o caminho da escola conosco. Isto, até ao dia em que Pierre Anthon deixou de ir às aulas.

Pierre Anthon vivia com o pai numa comuna instalada numa exploração agrícola desativada, o número 25 da Tæringvej. O pai dele e a comuna eram *hippies* que tinham ficado parados em 1968. Era o que os nossos pais diziam e, embora não percebêssemos o que isso significava, repetíamos a frase. No extremo do jardim, junto à rua, havia uma ameixeira. A árvore era grande, antiga e já retorcida, inclinada sobre a sebe do jardim, e tentava-nos com as suas ameixas Victoria de cor vermelha, a que não conseguíamos chegar. Nos anos

anteriores, costumávamos dar saltos para tentar apanhar os frutos, mas acabámos com isso. Pierre Anthon abandonou a escola para se ir sentar num ramo da árvore a atirar ameixas ainda verdes para a rua. Algumas delas atingiam-nos. Não porque Pierre Anthon pretendesse atingir-nos, já que isso não valia o esforço, asseverava ele. Era o acaso que assim determinava.

Do cimo da árvore, punha-se a gritar quando passávamos.

— Tudo é inútil — proclamou ele um dia —, porque tudo começa apenas para terminar. No momento em que vocês nasceram, começaram a morrer. É assim com tudo.

— A Terra tem quatro mil e seiscentos milhões de anos — gritou ele noutra ocasião —, mas vocês vão durar no máximo cem! Nem sequer vale a pena existir.

E continuava:

— Tudo isto é uma enorme farsa, que consiste unicamente em fazer de conta e em conseguir ser o melhor nisso mesmo.

Nada, até aí, indicava que Pierre Anthon fosse o mais inteligente do grupo. E contudo, subitamente, todos tivemos consciência disso. Porque ele compreendia várias coisas. Ainda que nenhum de nós ousasse reconhecê-lo perante os nossos pais, os nossos professores, ou fosse quem fosse. Nem mesmo perante nós próprios. Não queríamos viver no mundo que Pierre Anthon nos deixava antever. Queríamos ser alguém, ser alguma coisa.

A porta entreaberta para o exterior não nos tentava.

Nem muito nem pouco. Não nos tentava de todo, pura e simplesmente.

Foi por isso que tivemos aquela ideia. Talvez seja um pouco exagerado dizer isto, porque na verdade foi Pierre Anthon que nos pôs na pista.

Uma manhã, depois de duas ameixas ainda duras terem embatido na cabeça de Sofie, ela enfureceu-se com Pierre Anthon por ele não fazer mais nada senão estar sentado na árvore a tentar desanimar-nos.

— Passas aí o dia a olhar para o ar. Achas que isso é melhor? — gritou ela.

— Não estou a olhar para o ar — respondeu ele tranquilamente. — Estou a observar o céu e a exercitar-me na arte de não fazer nada.

— Estás mas é o caraças! — vociferou Sofie, atirando com raiva um pau na direção da ameixeira e de Pierre Anthon, mas o pau caiu na sebe, muito abaixo dele.

Pierre Anthon sorriu e gritou, tão alto que se ouvia na escola:

— Se houver alguma coisa por que valha a pena zangarmo-nos, é porque também há alguma coisa por que vale a pena alegrarmo-nos. Se houver alguma coisa por que valha a pena alegrarmo-nos, é porque há alguma coisa que tem significado. E não há! — Elevou mais um pouco a voz e rugiu: — Daqui a uns anos, vocês estarão todos mortos e esquecidos, reduzidos a nada. Portanto, mais vale começarem já a treinar!

Foi então que ficou claro para nós que tínhamos de tirar Pierre Anthon de cima da árvore.